

AGROTEOLOGIA: O CHÃO TAMBÉM É ALTAR

Não é modismo verde nem sermão rural: é a fé que reconhece no cultivo da terra a mais antiga das escolas de louvor, de gratidão e de corresponsabilidade humana.

DEUS NÃO COMEÇOU NUM TEMPLO. COMEÇOU NUMA HORTA

Antes de haver altar, houve enxada. Antes de haver liturgia, houve semeadura. A primeira vocação confiada ao homem não foi rezar — foi cultivar e guardar.

Há uma frase no segundo capítulo do Gênesis que a humanidade leu depressa demais: Deus colocou o homem no jardim “para o cultivar e o guardar”. Não disse para o explorar. Não disse para o adorar. Disse cultivar e guardar — duas palavras que, no hebraico, também descrevem o serviço litúrgico e a guarda da Aliança. O primeiro sacerdote da história usava as mãos sujas de terra.

É daí que nasce a Agroteologia: a teologia da terra e do trabalho agrícola, que reconhece na criação a presença do Criador e no cultivo uma forma de louvor e de corresponsabilidade com a obra criadora.

A FILOSOFIA TAMBÉM BROTA DO CHÃO

Antes de ser doutrina, o pensamento foi lavoura. Hesíodo escreveu *Os Trabalhos e os Dias* para ensinar o irmão a trabalhar a terra e acabou fundando uma ética. Virgílio compôs as *Geórgicas* e transformou o calendário agrícola em poema civilizatório. Cícero afirmou que nada há de mais digno para o homem livre do que a agricultura. Epicuro ensinava num jardim. Os pré-socráticos buscaram o princípio de todas as coisas na água, no ar, na terra e no fogo — quatro elementos que qualquer agricultor manuseia antes do café da manhã. A filosofia ocidental não nasceu numa biblioteca climatizada. Nasceu olhando o tempo virar.

Foi exatamente esse o caminho da Agrosafia. Ela não desceu de uma teoria para o meu Sítio: subiu do meu Sítio para a teoria. As forças agronaturais, o ciclo da semente, a espera obrigatória, a poda que dói e cura, a chuva que não se negocia — tudo isso me ensinou primeiro, e só depois eu tive palavras para nomear. *Agro* mais *sophia*: sabedoria que brota do chão. Décadas de extensão rural, e a lição mais dura não veio de nenhum congresso: veio de uma lavoura perdida por pressa.

E aqui está o ponto. A Agrosafia é o quanto a terra ensina. A Agroteologia é *Quem* ensina através dela. Uma pergunta pelo sentido; a outra, pelo Autor. Uma é filosofia de vida; a outra é escuta de Alguém. Não se opõem — a segunda é o crescimento natural da primeira, como a árvore é o crescimento natural da raiz. Quem cava fundo o suficiente na filosofia da terra acaba encontrando teologia. E quem faz teologia sem nunca ter pisado numa roça corre o risco de falar do Criador ignorando a obra.

A PROVA ESTÁ NO ALTAR, E NINGUÉM REPARA

Todos os domingos, o padre ergue duas coisas sobre o altar: pão e vinho. Não ergue ouro, não ergue mármore. Ergue trigo moído e uva pisada. E diz em voz alta que são “fruto da terra e do trabalho humano”. A Igreja colocou a agricultura literalmente no centro do seu maior mistério, e depois passou

séculos falando pouco disso.

O agricultor que se ajoelha na missa está vendo, sem saber, o resultado do próprio ofício ser transformado em Corpo e Sangue. Cristo não escolheu uma metáfora urbana. Escolheu o grão que morre para dar fruto, a videira e os ramos, o semeador que sai a semear, o joio que cresce junto, a figueira estéril, a colheita que exige operários. Quem nunca plantou entende o Evangelho por tradução. Quem plantou, entende por experiência.

E há a lei mais radical da Escritura, quase esquecida: no Levítico, a terra descansa a cada sete anos porque não pertence a quem a trabalha. “A terra é minha, e vós sois nela apenas forasteiros.” Ano sabático e Jubileu: a agricultura foi o primeiro lugar onde Deus ensinou que propriedade não é posse absoluta, é mordomia. Isso é doutrina social antes de existir doutrina social.

LAUDATO SI’: A CASA COMUM E A CONTA QUE CHEGOU

Em 2015, o Papa Francisco publicou a primeira encíclica inteiramente dedicada ao cuidado da criação, e escolheu abri-la com o Cântico de São Francisco de Assis — aquele que chamava a terra de irmã e mãe. *Laudato Si’* fez algo de que a Agroteologia precisava: tirou a ecologia do departamento das boas intenções e colocou-a no coração da fé. Três teses de lá sustentam tudo o que digo aqui.

A primeira é a de que tudo está interligado. Não existe crise ambiental de um lado e crise social de outro. O grito da terra e o grito dos pobres são o mesmo grito, e quem cuida de um sem cuidar do outro está fazendo metade do serviço. É isso que a encíclica chama de ecologia integral — meio ambiente, economia, cultura, vida cotidiana e vida espiritual dentro de uma única equação.

A segunda é a correção de uma leitura equivocada do Gênesis. Por séculos alguém traduziu “dominai a terra” como licença para arrasar. *Laudato Si’* desfaz o mal-entendido com serenidade: cultivar e guardar significa lavar e proteger, usar e cuidar, numa relação de reciprocidade responsável. Domínio não é despotismo. Administrador não é proprietário.

A terceira é o diagnóstico do paradigma tecnocrático: a mentalidade que trata tudo — solo, semente, água, gente — como objeto ilimitadamente manipulável, e que confunde crescimento com progresso. Quem vive no campo reconhece esse retrato sem precisar de explicação. Vimos o que a pressa fez com encostas, nascentes e famílias inteiras.

Casa comum é expressão exata. Casa, porque nela se mora, se come e se educa filhos. Comum, porque ninguém a recebeu sozinho nem a deixará sozinho. E responsabilidade, porque casa que todo mundo usa e ninguém conserta vira ruína. Em 2023, o Papa voltou ao tema em *Laudate Deum*, com tom mais urgente: as respostas do mundo não estiveram à altura. A Agroteologia recebe esse chamado sem culpa e sem histeria — recebe como o agricultor recebe a previsão do tempo: informação para agir.

A IGREJA JÁ PENSOU ISSO A SÉRIO

Não estamos inventando um neologismo. Estamos retomando uma tradição robusta. No mundo católico, o marco moderno é o Monsenhor Luigi Ligutti, que dirigiu por décadas a Conferência Nacional de Vida Rural Católica nos Estados Unidos e depois representou a Santa Sé na FAO, movido por um lema de simplicidade desconcertante: levar “Cristo ao campo, e o campo a Cristo”. Com o jesuíta John Rawe assinou *Rural Roads to Security* (1940), considerado a suma do agrarianismo católico. E o *Manifesto sobre a Vida Rural* (1939) cunhou a sentença que deveria estar em toda escola agrícola: a erosão

humana caminha junto com a erosão do solo.

O documento mais importante do nosso tempo é *A Vocação do Líder Agrícola* (2016), fruto da colaboração entre a Associação Católica Rural Internacional, o Pontifício Conselho Justiça e Paz e a Catholic Rural Life. O texto afirma que o trabalho agrícola não é mera tarefa nem empreendimento econômico, mas vocação — forma de vida pela qual Deus é conhecido, servido e glorificado. E resume tudo numa linha que eu gostaria de ter escrito: “a sabedoria do Criador é a norma do agricultor”.

Antes deles, a raiz: São Bento e o *ora et labora*, que salvou a agricultura europeia dentro dos mosteiros; São Francisco e o Cântico das Criaturas; Santo Isidro Lavrador, o santo do arado.

O QUE ISSO MUDA NA SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ

Teologia que não desce ao chão é literatura. A Agroteologia muda três coisas concretas.

Muda a relação com o tempo. Quem trabalha com a terra aprende que existe hora de plantar e hora de esperar, e que apressar a colheita é perdê-la. Essa é exatamente a pedagogia da fé: Deus age na penumbra do solo, sem alarde. A semente rompe a casca no escuro.

Muda a relação com a propriedade. Se a terra é do Senhor e nós somos administradores, a sucessão familiar deixa de ser partilha de patrimônio e vira transmissão de responsabilidade. O sítio não é herança: é encargo.

E muda a relação com o próprio trabalho. O agricultor deixa de ser fornecedor de *commodity* e volta a ser o que sempre foi — colaborador de uma obra que não começou com ele e não termina nele. No meu Sítio Agrosófia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, cada garapuvu e cada ipê que plantei é uma oração que eu não verei terminar. Planto árvores cuja sombra outro vai usar. Isso tem um nome teológico preciso: esperança.

CONCLUSÃO

Não precisamos de mais uma teologia da moda. Precisamos reconhecer a mais antiga de todas, que estava lá antes das catedrais, escrita em linguagem de solo, chuva e paciência. O templo tem altar de pedra. O campo tem altar de terra. E o Deus que se deixa comer em forma de pão sabe muito bem por que escolheu começar tudo num jardim.

Quem planta com fé não faz agricultura: faz liturgia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGISTÉRIO E DOCUMENTOS DA IGREJA

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum**. Vaticano, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Laudate Deum: sobre a crise climática**. Vaticano, 2023.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica Mater et Magistra**. Vaticano, 1961.

LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica Rerum Novarum**. Vaticano, 1891.

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**. Vaticano, 2009.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ; ICRA; CATHOLIC RURAL LIFE. **The Vocation of the Agricultural Leader: Integrating Faith with Agriculture and the Environment**. Roma/Saint Paul, 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Vaticano, 2004.

AGRARIANISMO CATÓLICO

LIGUTTI, Luigi G.; RAWE, John C. **Rural Roads to Security: America's Third Struggle for Freedom**. Milwaukee: Bruce, 1940.

NATIONAL CATHOLIC RURAL LIFE CONFERENCE. **Manifesto on Rural Life**. 1939.

WOODS, Michael J. **Cultivating Soil and Soul: Twentieth-Century Catholic Agrarians Embrace the Liturgical Movement**. Collegeville: Liturgical Press, 2009.

MARLETT, Jeffrey D. **Saving the Heartland: Catholic Missionaries in Rural America, 1920–1960**. DeKalb: NIU Press, 2002.

McNABB, Vincent. **The Church and the Land**. Londres, 1926.

TEOLOGIA BÍBLICA DA TERRA E DO ALIMENTO

DAVIS, Ellen F. **Scripture, Culture, and Agriculture: An Agrarian Reading of the Bible**. Cambridge University Press, 2009.

WIRZBA, Norman. **Food and Faith: A Theology of Eating**. Cambridge University Press, 2011.

WIRZBA, Norman. **The Paradise of God: Renewing Religion in an Ecological Age**. Oxford University Press, 2003.

WIRZBA, Norman. **From Nature to Creation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2015.

WIRZBA, Norman. **Agrarian Spirit: Cultivating Faith, Community, and the Land**. University of Notre Dame Press, 2022.

BERRY, Wendell. **The Unsettling of America: Culture and Agriculture**. San Francisco: Sierra Club Books, 1977.

BERRY, Wendell. **The Art of the Commonplace: The Agrarian Essays**. Org. Norman Wirzba. Washington: Counterpoint, 2002.

FILOSOFIA E CLÁSSICOS DA TERRA

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Séc. VIII a.C.

VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Séc. I a.C.

CÍCERO, Marco Túlio. **Cato Maior de Senectute (Saber Envelhecer)**. 44 a.C.

COLUMELA. **De Re Rustica**. Séc. I d.C.

SÃO BENTO. **Regra de São Bento**. Séc. VI.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1995.

CONTEXTO BRASILEIRO

CNBB. **Igreja e Problemas da Terra** — Documento nº 17. Itaiç, 1980.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Cadernos de Formação** — série teologia da terra. Goiânia, diversos anos.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agrosófia: a sabedoria que brota da terra**. Portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.

LEIA TAMBÉM — SÉRIE AGROTEOLOGIA NO PORTAL DO AUTOR

■ **A ALIANÇA DO SILÊNCIO E A FÉ QUE ESCUTA** — o trabalho com a terra como escola de espiritualidade e de escuta.

■ **A NOITE DIFÍCIL NÃO É HORA DE DECIDIR, É HORA DE RECONHECER** — sobre decisões que parecem urgentes às três da manhã.

■ **PERDÃO E RECONCILIAÇÃO NO LAR** — palestra na Paróquia Imaculada Conceição, Bombinhas/SC, Semana da Família.

■ **MEU DEUS E MEU TUDO** — a oração de cinco palavras que devolve o homem inteiro ao dia seguinte.

■ **OS SANTOS NÃO SEGUIRAM SANTOS, SEGUIRAM CRISTO** — a natureza não é Deus, mas O manifesta.

■ **TUDO COMEÇA NO CHÃO** — a agricultura como primeira escola da humanidade.

Categoria completa: loterio.com.br/categoria/agroteologia/

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é Diácono Permanente da Igreja Católica desde 2003, Bacharel em Teologia e em Filosofia, Engenheiro Agrônomo pela UDESC e Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI. Criador da Agrosófia e da Agroteologia, mantém o Sítio Agrosófia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú/SC, como laboratório vivo dessas duas linhas de pensamento.

Sua atuação teológica é marcadamente interconfessional. Formado na tradição católica e nela plenamente enraizado, dedica-se há décadas ao diálogo com as demais confissões cristãs e com a diversidade religiosa brasileira, convencido de que a terra, o trabalho e a gratidão são território comum antes de serem território de disputa. Prega, celebra, acompanha famílias e exerce de modo particular o ministério da Palavra e o ministério funerário — o lugar onde a fé precisa ser dita sem rodeios e sem retórica.

Mais de quatro décadas de extensão rural pela Acaresc, Emater-SC e Epagri, onde chegou à diretoria estadual, além da experiência como Prefeito de Camboriú e consultor do setor cooperativista, sustentam uma palavra que nunca se descolou do chão. Apresenta o programa de rádio *Alegria de Viver* desde 1989.

Equipe Ainor Lotério — Palestras e Cursos

ainorloterio@gmail.com · WhatsApp (47) 99967-5010

www.ainor.com.br · www.loterio.com.br